

O QUARTO CÁLICE

Scott Hahn

**O QUARTO
CÁLICE**

Desvendando o mistério
da Última Ceia e da Cruz

2ª edição

Tradução
Artur Padovan



QUADRANTE

Título original
*The Fourth Cup: Unveiling the Mystery
of the Last Supper and the Cross*

Copyright © 2020 by Scott W. Hahn

Esta tradução é publicada mediante contrato com a Image Books,
um selo da Crown Publishing Group, divisão da Penguin Random
House LLC.

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hahn, Scott, 1957-

O quarto cálice: desvendando o mistério da Última Ceia e da Cruz / Scott Hahn; tradução de Artur Padovan. – 4ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2025.

Título original: The Fourth cup: Unveiling the Mystery of the Last Supper and the Cross

ISBN: 978-85-54991-41-8

1. Ceia do Senhor - Igreja Católica - Meditações 2. Ceia do Senhor (Liturgia) 3. Espiritualidade 4. Orações eucarísticas - História e crítica 5. Teologia doutrinal I. Título II. Série

20-33168

CDD 232.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ceia do Senhor : Cristianismo 232.9

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Apresentação	7
Prefácio	11
O <i>que</i> está consumado?.....	15
Linha de chegada	17
Busca e pesquisa.....	19
Páscoa e aliança.....	21
A praga.....	22
Uma lufada de ar fresco.....	24
Páscoa, presença e futuro.....	26
Uma paixão pela Páscoa	30
Um sacrifício típico	31
O eclipse do sacrifício.....	33
Selado com uma maldição	35
Ritos e guinadas.....	41
Termos rituais do Sêder.....	45
Falha pascal.....	48
O formato pascal dos Evangelhos	51
Passando para o quarto.....	54
Aposta pascal	56
Novo Moisés, novo Êxodo	58
Eis o cordeiro	61
A história do assado	62
O passado da Páscoa.....	65
O caso de Justino	66
O Cordeiro desde o princípio	71
Pronto e preparado como Abel.....	73

Eternamente sacerdote	75
A ira do cordeiro	76
Pães ázimos.....	79
Comer a carne	80
Uma pausa refrescante.....	83
Os cálices.....	89
A grande omissão	90
Cálices e reviravoltas.....	92
Propósitos cruzados	94
A hora	99
A «hora» em João	102
Maria entra em cena.....	103
Bens samaritanos.....	105
Presentes de grego	106
O Cordeiro faz-se Pão	107
A hora está chegando.....	109
Os cálices a Igreja	111
Mártir, escreveu ele	116
A fé em face do questionamento	118
O formato pascal da liturgia.....	123
Um rebanho de cordeiros.....	125
Traços do <i>hallel</i>	126
Uma oferta irrecusável.....	128
Entrando na mistura.....	129
O valor da Marquette	131
A Páscoa cristã.....	133
Dias de uma Páscoa futura.....	134
Sem dor, sem reino	137
Quanto custa o Pentecostes?.....	139
O formato pascal da vida.....	143
Um cálice de aflição.....	145
A dor e o ganho.....	147
A Páscoa e seus trocadilhos	148
Testemunha da perseguição	151
Últimas palavras.....	153
Obras consultadas.....	155

Apresentação

de Brant Pitre

Jesus de Nazaré foi um homem de muitos mistérios. Ensinava por meio de parábolas desconcertantes, realizava sinais e maravilhas e fazia uma pergunta enigmática após a outra. Além disso, seus discípulos judeus, bem como as multidões judaicas para as quais ensinava, adoravam tudo isso (muito embora Ele com frequência os deixasse sem resposta).

Todavia, os mistérios de Jesus não terminaram com seu ministério público. Segundo os Evangelhos, Ele continuou a fazer e dizer coisas intrigantes até o momento de sua morte. Um dos grandes enigmas da Paixão de Jesus tem que ver com o misterioso voto que Ele proferiu durante a Última Ceia. Na noite em que foi traído, perto do fim da refeição, Jesus declarou solenemente que não beberia *do fruto da videira* novamente até a vinda do *Reino de Deus* (Lc 22, 18; cf. Mt 26, 29 e Mc 14, 25). Mais tarde, quando estava a caminho do Gólgota e os soldados tentaram oferecer-lhe vinho, fiel à sua palavra *Ele não o quis beber* (Mt 26, 34; cf. Mc 14, 23). Por outro lado, de acordo com o Evangelho de João, no último momento de sua vida, já prestes a morrer na Cruz,

Jesus pediu que se lhe desse vinho, dizendo: *Tenho sede* (Jo 19, 28). Ainda mais misteriosamente, depois de beber o vinho, ele declarou: *Está consumado*, ao que inclinou a cabeça e entregou o espírito (Jo 19, 30).

O que devemos pensar desse enigma? Como Jesus pôde dizer na Última Ceia que não beberia novamente do vinho, recusá-lo a caminho da Cruz e, por fim, pedir um gole da bebida pouco antes de morrer? Como reconciliar as palavras de Jesus na Última Ceia com suas palavras na Cruz? Estaria Ele quebrando seu voto? Ou algo diferente estaria acontecendo ali?

Para completar, há mais um enigma a ser resolvido – um que ocorre *entre* o cenáculo e o Calvário. No jardim do Getsêmani, quando fazia oração a respeito de sua morte, Jesus disse algo estranho: *Meu Pai, se for possível, fazê passar de mim este cálice; porém, não seja como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26, 39). Depois, novamente: *Meu Pai, se isto não pode passar a não ser que eu o beba, seja feita a tua vontade* (Mt 26, 42). Ora, se estivesse prestes a ser crucificado, é assim que você teria rezado? Por que Jesus falou de sua morte como se consistisse em «beber» um «cálice»? De que cálice Ele falava?

Em *O quarto cálice*, o dr. Scott Hahn oferece-nos as chaves para a compreensão deste mistério – o mistério da Última Ceia e da Cruz. E ele o faz de duas maneiras: primeiro, revisitando as raízes judaicas das palavras e feitos de Jesus; depois, relatando-nos sua experiência pessoal do protestantismo ao catolicismo. O resultado assemelha-se a um romance policial – uma jornada revigorante e repleta de descobertas que mudará para sempre o modo como você vê a Última Ceia, a Paixão de Cristo e a Eucaristia.

Nunca esquecerei a primeira vez que ouvi uma das apresentações de Scott Hahn sobre o quarto cálice. Fiquei absolutamente maravilhado. Era como ler a Paixão de Cristo pela primeira vez. Não me entendam mal: não é que eu passasse

noites em claro perguntando-me por que Jesus, na Última Ceia, dissera que não beberia mais vinho e por que acabara pedindo um gole da bebida na Sexta-feira Santa. Tampouco havia pensado muito sobre o porquê de Jesus referir-se à sua crucificação como um «cálice» a ser bebido. Eu simplesmente aceitava esses fatos sem pensar. Porém, depois que ouvi a palestra de Scott Hahn, foi como se as peças de um quebra-cabeça que eu sequer sabia que existia subitamente se encaixassem. O que de fato sempre me intrigara era isto: por que os católicos acreditam que a Eucaristia *é um sacrifício*? Jesus não se havia oferecido *de uma vez por todas* no Calvário? Qual é a relação entre a oferta que Jesus faz de seu Corpo e Sangue na Última Ceia e sua morte na Cruz?

Se isso também já o intrigou, se você alguma vez celebrou o Sêder pascal, ou se antes já quis aprofundar sua compreensão a respeito das raízes judaicas da Eucaristia, tenho um conselho para você: *leia este livro*. Ou melhor: não apenas o leia. Reze com ele. Reflita sobre ele. Compartilhe-o com outras pessoas.

Afinal, se você for como eu, quando começar a vislumbrar o mistério da Última Ceia e da Cruz pelos olhos dos antigos judeus, terá sua vida completamente transformada. Como bem demonstra o dr. Scott Hahn, a Páscoa de Jesus, que começou no cenáculo e se consumou no Calvário, *está conosco ainda hoje*. Sempre e onde quer que a Missa seja celebrada, o Mistério Pascal – isto é, o mistério da «Páscoa» – faz-se verdadeiramente presente. *O quarto cálice* não apenas resolve o mistério da promessa de Jesus, mas também faz a ligação entre o cenáculo e o Gólgota, ajudando-nos a enxergar mais claramente como o sacrifício de Cristo na Última Ceia e o sacrifício de Cristo no Calvário são o *mesmo sacrifício derramado pelo perdão dos pecados* e pela redenção do mundo (cf. Mt 26, 28).

Prefácio

Em 1989, na cidade de Marytown, Chicago, ministrei pela primeira vez uma palestra intitulada «O quarto cálice», em que tratava de alguns dos estudos que me haviam feito aderir ao catolicismo apenas três anos antes. À época, eu era professor assistente de estudos religiosos no College of St. Francis em Joliet, Illinois. Não estava ganhando muito; tampouco tinha cargo fixo ou publicações. No entanto, estava feliz por ser católico e queria contá-lo para todo mundo – e ali eu tinha a oportunidade.

Alegrava-me poder contar minha história a uma pequena assembleia de interessados. Alegrava-me ainda mais o fato de terem reagido tão fervorosamente à minha apresentação. O rumor se espalhou, e outros grupos convidaram-me para contar a história de minha «Caçada ao quarto cálice», a qual elaborei como um romance policial, em que estrolo como o investigador desastrado que sou.

Isso aconteceu, é claro, milhões de palavras atrás, dezenas de livros atrás, milhares de palestras atrás. Já perdi as contas de quantas vezes falei sobre «o quarto cálice». A soma já está, definitivamente, nas muitas centenas. Repeti minha apresentação em vários continentes – quase no cenáculo mesmo, em Jerusalém –, e até já cheguei a contar esta história em alto-mar!

No ano passado, estive conversando com um velho amigo que ouviu minha palestra em diversas ocasiões ao longo dos anos. Ele observou que nunca apresento «O quarto cálice» do mesmo jeito duas vezes. Sempre trato do mesmo período histórico, mas parto de acontecimentos diferentes e de fontes antigas distintas.

Reconheci que ele estava certo. Passei por aquela grande aventura entre 1982 e 1986, quando era um marido e pai jovem, bem como um pastor recém-ordenado e um estudioso neófito. Estava vivenciando muitas coisas pela primeira vez, e então Deus introduziu um tumulto e uma turbulência tão grandes que ameaçavam tudo o que eu começava a amar. Eu poderia vir a perder tudo o que me dera conforto e confiança até ali: meu ministério, minha posição acadêmica, minhas amizades e até meu casamento pareciam passíveis de entrar em colapso.

Como eu conseguiria destilar todas essas experiências numa única palestra?

É claro que isso não era possível. Então, em cada ocasião eu contava minha história usando a Páscoa como tema e ficava de olho no relógio, preenchendo o tempo com quaisquer histórias e fontes que porventura me viessem à memória.

Meu amigo sugeriu que reunisse essas histórias e fontes num único livro que exprima toda a minha sensação de aventura e investigação.

Foi o que fiz – e eis o resultado.

Procurei evitar a repetição de histórias que já contei em outros livros, como *Todos os caminhos levam a Roma* (escrito em parceria com minha esposa, Kimberly) e *O banquete do cordeiro*. As histórias deste volume têm a intenção de suplementar meus relatos anteriores.

Quando estudava no seminário protestante, alguns gostavam de cantar certos hinos tradicionais. Um deles dizia:

Adoro contar esta história,
Será o meu tema na glória,
Contar esta antiga história
De Jesus e seu amor.

Eu o cantava com sinceridade naquela época e ainda o faço. Trinta anos depois, ainda sou incrivelmente feliz por ser católico, ao mesmo tempo que continuo querendo contá-lo para todo o mundo.

NOTA SOBRE AS FONTES

Os relatos que você lerá neste livro aconteceram há muito tempo. Procurei ao máximo complementar minhas recordações com livros que lia naquele período. Por vezes, onde minha memória falhou, tive de obter inspiração em fontes mais recentes, com as quais estou mais familiarizado.

CAPÍTULO 1

O que está consumado?

Eu estava vivendo um sonho – meu sonho, pelo menos. Terminara o bacharelado na instituição que eu mesmo havia escolhido, casara com a mulher ideal e iniciara os estudos preparatórios para meu ministério na Igreja Presbiteriana.

Mais uma vez: estava estudando na instituição que havia escolhido a dedo – o Gordon-Conwell Theological Seminary. Minha esposa Kimberly e eu tínhamos grandes expectativas, e a faculdade as estava atendendo. Vivíamos numa comunidade em que as conversas diárias se centravam nas Escrituras. Eu tinha colegas de classe que compartilhavam de meus interesses e do meu fervor. As cátedras eram ocupadas por professores de primeira grandeza, muitos dos quais também eram pregadores impressionantes.

Meu cristianismo era de estilo evangélico, calvinista em substância. Eu estava ciente de toda a variedade religiosa que há no mundo protestante e escolherei minha denominação com o mesmo cuidado com que havia escolhido minha faculdade e meu seminário. No Gordon-Conwell – diferentemente da maioria dos outros lugares na Terra –, vivia entre pessoas que seguramente pensavam como eu. Juntos, inicia-

mos um encontro matinal chamado Academia de Genebra, em homenagem à escola fundada por nosso herói da Reforma, João Calvino, no século XVI.

Parecia que eu havia acertado em todas as escolhas que fizera. Não poderia ter planejado ambiente mais adequado ao desenvolvimento da vida intelectual que desejava. Não me entendam mal: havia alunos e docentes que discordavam de meus amigos e de mim, mas nós ouvíamos seus argumentos com genuína boa vontade. *Ferro afia ferro* (Pr 27, 17).

A decisão que faltava era que igreja frequentar. Um culto dominical bem selecionado seria a coroação de todo o conjunto. Naquele tempo, pensava no culto sobretudo como um exercício mental, um estudo bíblico concentrado, ornamentado por hinos e orações. Qualquer traço ritual – qualquer liturgia – eu dispensava como repetição vã, como uma obra morta, precisamente o tipo de abominação de que os reformadores tinham libertado o cristianismo. Liturgia era algo para os perdidos: para os católicos, os ortodoxos e seus companheiros episcopalianos.

Passei algum tempo procurando, até que encontrei a igreja ideal. Ficava numa cidadezinha a cerca de meia hora de carro de onde morávamos. O pastor era meu professor de hebraico. Formado em Harvard e a caminho de um doutorado em Oxford, ele tornou-se para mim um herói, um amigo, um modelo e um mentor. Viria a obter, no futuro, merecida fama, mas todos os seus grandes dons já tinham ficado claros para mim na primeira vez que o ouvi pregar.

Aquele homem fazia as Escrituras ganharem vida. Sua erudição era vasta. Ele dominava as línguas antigas. Era formado em física, engenharia e teologia. E tudo isso ficava manifesto. No entanto, ele também se expressava com leveza e um humor memoráveis. Empenhava-se muito em seus sermões, esforçando-se sempre por encontrar o detalhe inesperado – algo que soasse como uma novidade e chamasse

a atenção da congregação. Então, uma vez cativados, ele nos mantinha sob feitiço.

Linha de chegada

Lembro-me vividamente de um sermão que ele pregou no domingo anterior à Páscoa. As pessoas que frequentavam igrejas litúrgicas brandiam palmas e chamavam aquele dia de «Domingo de Ramos». Nós não queríamos saber de nada daquilo. No entanto, mesmo numa igreja evangélica, não podíamos ignorar a proximidade da Páscoa e a semana que a precedia, e por isso, naquele domingo sem ramos, nosso pastor fez uma pregação sobre os acontecimentos da Sexta-feira Santa.

Ele era sempre bom, mas nunca fora tão bom como naquele momento, quando capturou nossa atenção e a fixou na Cruz, pela qual havíamos sido todos salvos. Ele estava trabalhando com o material mais precioso que existe, mais precioso que o ouro ou a prata, e não desperdiçou a oportunidade.

Aquele homem era um pregador admirável que calibrava seus discursos com precisão. Por outro lado, também estava aberto ao Espírito Santo e, por isso, falava conforme lhe era sugerido – ainda que isso pudesse quebrar seu encanto.

Ele estava narrando a Paixão, sintetizando um conteúdo extraído dos quatro Evangelhos; à medida que ia avançando, oferecia comentários teológicos às entrelinhas do texto sagrado. A cada passo, sua explicação configurava-se como parte do drama, como parte da narrativa – nunca estranha a ela, mas sempre impelindo-a adiante.

Então, chegou a João 19, 30, em que Jesus diz: *Está consumado*. Ali, ele simplesmente parou. Pensei que se tratasse de uma pausa dramática, e posso apostar que todos à minha volta também acharam isso.

Quando retomou, porém, ele fez uma digressão do sermão que vinha pregando. Perguntou-nos se alguma vez já tínhamos pensado no que Jesus quisera dizer com essa frase. O *que*, de fato, estava consumado?

Bem, eu estivera estudando homilética naquele período e entendi o que ele estava fazendo: levantava uma pergunta para a congregação com o objetivo de nos preparar para a resposta, que nos daria logo em seguida de um só golpe. Eu estava preparado. Seria bom demais.

Todavia, o golpe não veio. Ele admitiu que não tinha a resposta. Era claro que aquela digressão não fizera parte do roteiro original do sermão. Foi um pensamento que chamara sua atenção momentaneamente.

Fiquei inquieto no meu assento, pensando: *É claro que sabemos do que se trata! Da nossa redenção. Está consumada. Nossa redenção está consumada.*

Entretanto, como se pudesse ler minha mente, ele respondeu: «Se vocês estão aí pensando que Jesus se referia à nossa redenção, é melhor pensar de novo». Ele indicou que, em Romanos 4, 25, Paulo dizia que Jesus foi *ressuscitado* para nossa justificação. Desse modo, a obra não foi «consumada» no Calvário naquela sexta-feira, mas no túmulo, no domingo seguinte.

O pastor admitiu não saber a resposta e simplesmente continuou com o culto.

Mas eu não. Não conseguia. Acho que não escutei uma só palavra do resto do sermão.

Permaneci ali sentado folheando minha Bíblia e pensando: *Bem, então do que se trata? O que está consumado?*

Se cantei o hino de encerramento? Não faço ideia.

Kimberly e eu saímos da igreja. Tratava-se de um dia claro de primavera. O pastor estava do lado de fora cumprimentando os congregantes que passavam com um aperto de mão.

Peguei na sua mão e disse: «Não faça mais isso!».

Ele ficou surpreso. Então, expliquei-lhe o que queria dizer.

Ele me disse que não havia preparado aquela pergunta retórica e que não planejava fazê-la de antemão. Também voltou a enfatizar que não sabia como respondê-la, embora tenha dito com certeza que eu o faria.

– Vá fundo nisso, Scott. Pesquise e volte com uma resposta!

Passsei o resto da tarde e da noite de domingo mergulhado no texto e em seu contexto. Não cheguei a nenhuma conclusão naquela noite. Continuei estudando durante dias, semanas – vários meses, na verdade. Talvez possa dizer que estou pesquisando o tema até hoje.

Busca e pesquisa

A primeira etapa de minha pesquisa consistiu em retornar ao texto e fixar minha atenção nele – em ler o versículo no original grego e, depois, em diferentes traduções, a fim de verificar os comentários clássicos e suas interpretações mais recentes. Examinei o texto em seu devido contexto. Refleti sobre os pequenos detalhes da passagem expandida: a esponja embebida no vinho vinagrado, a observação cuidadosa da data no calendário, a decisão de não quebrar as pernas do morto, bem como a repetição de que se tratava do cumprimento das «Escrituras».

Todas as notas de rodapé e todos os comentadores insistiam em apontar para um único tema comum, para a história que se encontrava por trás – no interior, mas de modo certamente inseparável – daquela que João relatava no Evangelho. O tema comum era a festa da Páscoa judaica. Todos os detalhes circunstanciais relacionavam-se com a observân-

cia tradicional da festa. Tive a intuição de que a chave para a compreensão do significado de *Está consumado* também deveria ser encontrada ali. A morte de Jesus ocorreu durante a Páscoa, e todas as testemunhas oculares deste acontecimento procuravam ansiosamente estabelecer o significado dessa data providencial. O dia se ocultava por trás dos detalhes – ao que parece, de todos os detalhes.

A literatura acadêmica a respeito da Páscoa poderia encher bibliotecas inteiras, mas ainda assim me entreguei a ela com abandono. Os comentadores, de modo geral, observavam que a Páscoa era a festa anual em que o povo de Israel renovava sua *aliança* com Deus. Nisso os comentários me chamaram a atenção. A «aliança» era um tema central da teologia de meu herói, o reformador João Calvino – e do mesmo modo, da teologia daquele meu mentor e pastor. Calvino acreditava que no conceito de aliança estava a chave interpretativa de toda a Bíblia. «Aliança» é o termo que descreve o vínculo legal que se formara e governara a relação da humanidade com Deus desde a aurora da Criação.

O que quer que estivesse «consumado» achava-se ligado à renovação da Antiga Aliança com Israel, bem como à consolidação da Nova Aliança com a Igreja. Tratava-se, ademais, de algo central, e não periférico, à salvação. Tratava-se de algo que eu não poderia deixar de lado.

Com o tempo, esse mistério colocaria à prova minha ligação com a vida e com o sonho que eu havia formado.

Tudo isso, porém, só aconteceu muito depois. A busca que começou naquele domingo referia-se simplesmente ao sujeito de uma oração. Eu estava convencido de que encontraria a resposta na Páscoa, festa que se tornou objeto de minha pesquisa – e, depois, objeto deste livro.